



GT 041. Islã e suas interfaces no Brasil e no mundo

Francirossy Campos Barbosa (USP) - Coordenador/a, Sonia Cristina Hamid (Instituto Federal de Brasília) - Coordenador/a, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a

O islã é uma das religiões que mais cresce no mundo, tendo, inclusive, forte presença em países ocidentais. Apesar disso, ele segue sendo ideologicamente construído de modo orientalista, visto como uma religião exótica e retrógrada, além de uma ameaça a um suposto ordenamento secular ocidental. De modo a superar uma visão essencialista e homogênea do islã e de seus praticantes, buscamos o diálogo com pesquisadores que vêm se dedicando a investigações sobre esta religião em suas variadas intersecções com questões nacionais, econômicas, étnicas, raciais, geracionais, de classe, de gênero e/ou de instrução. Da mesma forma, buscamos abordagens que mostrem as relações entre fenômenos globais e locais e que apontem, por exemplo, de que modo eventos políticos que ocorreram ou vêm ocorrendo em países com populações de maioria muçulmana – primavera árabe; radicalização de grupos religiosos; guerras civis em países como a Síria; deslocamentos populacionais – influenciam as percepções e as vidas de homens e mulheres muçulmanos de diferentes maneiras, globalmente. Aceitamos tanto propostas que abordem estas questões a partir de perspectivas exclusivamente teóricas, quanto aquelas que apresentem pesquisas empíricas.

Vozes femininas do Islã e o futuro do Islã

Autoria: Graham Gerald McGeoch

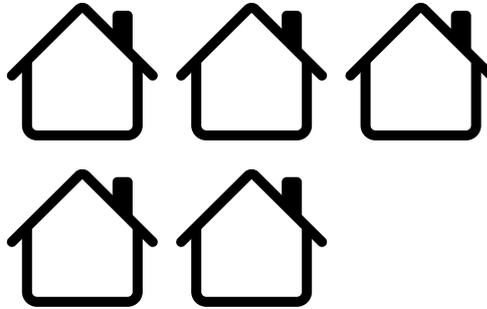
O islã é uma das religiões que mais cresce no mundo e tem uma forte presença em países ocidentais. Apesar disso, ele segue sendo ideologicamente construído de modo orientalista. É Tariq Ramadan que lidera com o contra-argumento que o Islã é uma religião ocidental e que o futuro de Islã depende tanto deste Islã ocidental quanto de Islã árabe (ou oriental). Do mesmo modo, John L. Esposito postula que o futuro do Islã depende da resolução da dicotomia interna do Islã da escolha entre "Mecca e mecanização", ou seja da capacidade de reforma islâmica. Nesta linha, ela lembra que os conceitos de renovação (tajdid) e de reforma (islah) são fundamentadas no Quran. Esposito aponta para Ramadan como uma das vozes da reforma que Islã precisa. Ao lado de Ramadan, ele cita Mustafa Ceric e Amina Wadud. Em Wadud e seu conceito de gender jihad, Esposito chama atenção para vozes femininas e, no caso de Wadud, vozes feministas dentro do Islã. A teóloga pós-colonial feminista, Kwok Pui-Lan, já notou que frequentemente vozes de mulheres e perspectivas feministas estão ausentes do diálogo inter-religioso (e podemos acrescentar de apresentações e reflexões de religiões como Islã). Ela assinala que no século XXI perspectivas pós-coloniais e de gênero precisam ser inclusos para alterar a prática e impacto do diálogo inter-religioso. Destas bases, propõe-se uma leitura de mulheres muçulmanas – todas ativas no ocidente, mas com raízes orientais – para discernir algumas abordagens que ajudam influenciar percepções e vidas de homens e mulheres muçulmanos globalmente. Se o futuro do Islã depende do Islã ocidental (como apostam Ramadan e Esposito), é mulheres como Amina Wadud, Kecia Ali e Leila Ahmed e Mona Siddiqui que começam dar forma a este futuro.



Realização:



Apoio:



Organização:

